

Moradores alertam: Lago está encolhendo

HELENA MADER

DA EQUIPE DO CORREIO

Há 10 anos, o funcionário público Cícero Ivan Gontijo comprou um terreno na QL 6 do Lago Sul. O lote, conhecido como ponta de picolé, ficava às margens do espelho d'água. Na última década, entretanto, ele viu um problema ambiental transformar a vista de sua casa. Hoje, praticamente não há mais água nos fundos do terreno. O assoreamento fez o Lago desaparecer do imóvel de Cícero Gontijo. "Comprei uma ponta de picolé, mas hoje tenho um brejo. O Lago está secando e ninguém reconhece a gravidade do problema", reclama o funcionário público.

Revoltados com o agravamento do assoreamento nos últimos anos, um grupo anônimo de moradores espalhou faixas de protesto pelas pontes do Lago Sul no último fim de semana. "Governador, o Lago secou entre as quadras QL 2 e QL 6", alertavam os cartazes, que foram retirados na manhã de ontem. O problema não é recente, mas a rapidez com que a terra avança sobre o espelho d'água tem assustado moradores da região e ambientalistas.

A preocupação é ainda maior porque o fenômeno persiste mesmo em meses de chuva intensa, como janeiro. Durante a seca, a redução do nível do Lago corriqueira, mas o problema não costumava ser registrado durante a época chuvosa. A principal causa do desaparecimento do espelho d'água é fruto da ação humana. A ocupação desordenada na Bacia do Paranoá causa o seu assoreamento.

Entre a QL 2 e a QL 6, a redução drástica do nível do Lago gerou grandes áreas de água parada, o que atrai mosquitos e aumenta riscos de doenças como a dengue. O consultor econômico Roberto Nogueira, 62 anos, mora no conjunto 5 da QL 6 e, da janela de seu quarto, observa o problema ambiental do Lago na região. "A quantidade de mosquitos que surgiu por causa da água parada incomoda muito. O assoreamento do Lago está acontecendo numa velocidade muito rápida. Há pouco tempo, os barcos paravam na margem do conjunto. Hoje, isso é impossível", explica Roberto.

O Lago Paranoá é alimentado por vários cursos d'água, como os ribeirões de Santa Maria, do Bananal e do Gama. Alguns

Fotos: Cadu Gomes/CB/D.A Press



ENTRE AS QLS 2 E 6 DO LAGO SUL, A REDUÇÃO DRÁSTICA DO NÍVEL DO LAGO GEROU GRANDES ÁREAS DE ÁGUA PARADA



IVAN GONTIJO COMPROU UMA "PONTA DE PICOLÉ", MAS FICOU COM UM BREJO

córregos que desembocam no Lago sofrem muito com a ocupação urbana, especialmente em regiões como Vicente Pires. Os sedimentos e resíduos sólidos provenientes das construções são carregados para o espelho d'água e se depositam no fundo do Paranoá, reduzindo seu volume.

O professor do Departamento de Geoquímica da Universidade de Brasília Geraldo Boaventura explica que o braço do Riacho Fundo é o que tem sofrido mais com as consequências do assoreamento. "O problema é fruto da ocupação urbana desordenada e também da falta de educação ambiental da comunidade. É comum vermos lixo nos córregos e no lago, até sofás as pessoas jogam nos cursos d'água", lembra o especialista. "Quanto mais loteamentos são criados, mais a terra é carregada pelos córregos até parar no Lago Paranoá.

A estimativa do governo é que o

espelho d'água já perdeu pelo menos 4% do seu volume desde a inauguração de Brasília. Nesse período, o Lago encolheu o equivalente a 250 campos de futebol. "O fenômeno do assoreamento está se agravando, em alguns locais é fácil perceber que o espelho d'água desapareceu. Entre as sete bacias do Distrito Federal, a do Paranoá é a que tem maior contingente populacional", explica o presidente do Instituto Brasília Ambiental (Ibram), Gustavo Souto Maior. "É preciso fazer um trabalho de prevenção e recuperação das margens dos córregos para estancar o assoreamento. Mas a solução para recuperar margens do Lago já degradadas seria fazer uma drenagem", acrescenta Souto Maior.

Se especialistas e representantes do governo são unânimes em apontar a ocupação desordenada como causa do problema, ainda não há consenso sobre a melhor solução para enfrentar a redução

do volume do Lago. A drenagem do espelho d'água, com a retirada dos sedimentos do fundo do Paranoá, é uma técnica extremamente cara e não resolveria definitivamente a questão, já que é preciso controlar as margens dos córregos e evitar novas ocupações.

Dragagem

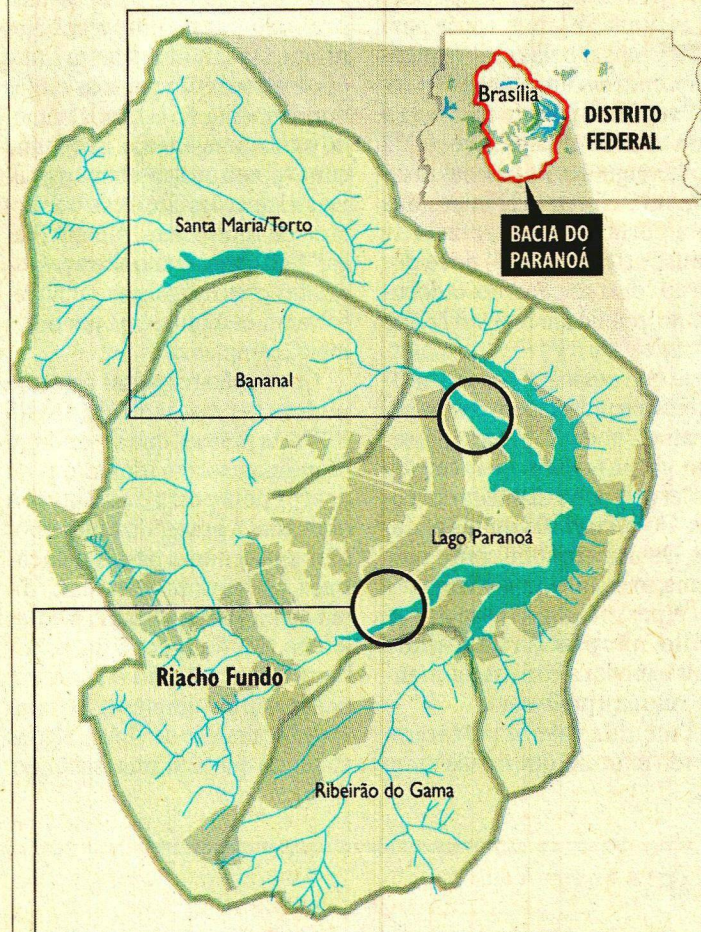
O biólogo e assessor de Manejo da Bacia do Paranoá da Companhia de Saneamento Ambiental do DF, Fernando Starling, explica que a perda de volume do Lago é um processo natural. Mas no caso do Paranoá, a destruição das matas de galeria e das vegetações da beira dos córregos acelerou esse processo. "A origem do assoreamento não está no Lago, mas na bacia hidrográfica. "Disciplinar o uso e ocupação da bacia é a melhor forma de conter e até reverter o assoreamento. Antes de retirar sedimentos do fundo do lago, seria preciso reconstituir as matas de galeria para evitar que um volume ainda maior de terra voltasse a aterrar o espelho d'água", justifica Fernando Starling.

O assessor da Caesb conta que há estudos para realizar a dragagem da terra em excesso no Lago, mas que o processo é muito caro. "É uma técnica usada no mundo inteiro, mas exige investimentos altos. Para retirar um metro cúbico de sedimentos, é necessário investir US\$ 5. E há várias exigências, como ter um local para secar o material, já que ele não pode ser transportado logo depois de ser retirado do Lago", explica o biólogo.

CURSOS D'ÁGUA COMPROMETIDOS

A ocupação urbana desordenada é a principal causa do assoreamento. Na parte sul do Lago Paranoá, os córregos que cruzam regiões como Vicente Pires e Riacho Fundo descarregam resíduos sólidos no espelho d'água. Da QL 2 a QL 6, os sinais do assoreamento são evidentes.

No Lago Paranoá, as águas vindas de quatro fontes perdem velocidade e por isso areia e sujeira se alojam nas margens. Exemplo disso é visto próximo à Ponte do Braguito, área prejudicada pelo assoreamento causado desde o Ribeirão do Bananal



No caso do Riacho Fundo, um dos fatores que explicam a poluição do braço é o grande adensamento populacional, principalmente das cidades Candangolândia, Núcleo Bandeirante e Vicente Pires

Joelson Miranda/CB/D.A Press

Uso múltiplo, solução também

O Lago Paranoá é controlado diariamente pela Companhia Energética de Brasília, que usa a água para gerar energia. Quando o volume sobe muito, a CEB abre as comportas da represa para evitar a inundação de casas, por exemplo. Se o Lago começa a secar, a empresa mantém as comportas fechadas para que as águas da chuva se acumulem.

O diretor da CEB Geração, Hamilton Naves, explica que a altura da água do Paranoá está no limite esperado para esta época do ano. "O que acontece é que o fundo do Lago está subindo com o assoreamento. Em algumas regiões, como a QL 2 do Lago Sul, o espelho d'água já virou mata", destaca Hamilton.

Ele explica que, apesar de algumas áreas do lago estarem completamente secas, a altura do Paranoá continua a mesma. "Nesta época do ano, as

comportas estão fechadas, toda a água da chuva fica represada. Nosso trabalho é controlar o nível do lago para dar rendimento às turbinas e manter a altura para que, por exemplo, não haja inundação de casas", justifica Hamilton. "O lago é de uso múltiplo, uma solução para o problema deve envolver todos os agentes que usam o local, como a CEB, a Caesb, a Adasa e os clubes. A possibilidade de dragagem precisa ser bem analisada, já que pode trazer impactos ambientais, como a mortandade de peixes", finaliza o diretor da CEB Geração.

A vice-prefeita comunitária do Lago Sul, Edlamar Batista, já fez reuniões entre moradores e diversos representantes do governo para tentar resolver o assoreamento. "O depósito de sedimentos no Lago é um problema antigo. Mas a obra de duplicação da pista de acesso ao aeroporto, com a construção de uma nova pista sobre o córrego, contribuiu para o agravamento dessa situação", garante Edlamar.